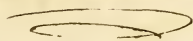
Index

7.º Canções patrioticas. (1821)
2 ff. innum.

8.º Ode a Antonio da Silveira. (1820)
2 ff. innum.

FRANCISCO AUGUSTO MARTINS DE CARVALHO

| Inn. – Aditamento – 1[illegible]
| GR. ENC. – T. 16 – 467

N. – Coimbra – 27 SET 1844
M. – ? – 25 DEZ 1921

Oficial de Inf.ª

Ref. em General

filho do jornalista e escritor JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

fundador de "O CONIMBRICENSE"

| Inn. – T. 12 – 113 e 392
| GR. ENC. – T. 16 – 468

Ao Ex.mo Snr. Francisco Augusto Martins de Carvalho, D.mo Coronel de Infant.ra e proprietario do *Conimbricense*,

Off.

Pedro A. Ferreira

Porto, 15/5/900.

CARTA

DO

COMPADRE DE BELÉM

AO REDACTOR

DO

ASTRO DA LUSITANIA

DADA Á LUZ

PELO COMPADRE DE LISBOA.

por Filipe Ferr.ª d'Araujo e Castro

> Os meninos innocentes
> escapáraõ a Herodes.
>
> *Sarrabal Saloio pagin.* 780.

Manuel Fernandes Thomaz

LISBOA:

NA OFFIC. DE ANTONIO RODRIGUES CALHARDO,

Impressor do Conselho de Guerra.

Com licença da Commissaõ de Censura.

1820

Sr. Compadre.

Ainda que eu era pouco inclinado a ver os Periodicos, que hoje se publicaõ, desenganei-me de que he necessario dar-me a esse trabalho; porque quero ser Deputado nas Cortes, e dizem-me que para isso convém muito ganhar reputaçaõ de homem literato. Assentei (e foi lembrança minha) que se me fizesse Author, seria ouro sobre azul; porque hum homem Author, ainda que seja de hum annuncio de *Armazem de fato para vender*, fica desde logo com a sua reputaçaõ estabelecida, e com direito indisputavel para censurar tudo o que se diz, e o que se faz; e naõ lhe posso encobrir que a minha balda he essa. Faça-me pois o obsequio de mandar imprimir esta Carta, a qual eu remetteria ao Redactor do *Astro da Lusitania* se naõ visse no fim do N.º 16 delle, que esse Senhor tem tanta desta mercadoria, que já lhe falta armazem para arrumalla.

Grande vontade era a minha de fazer tambem hum Periodico, porque no meu conceito naõ se póde escrever huma obra, nem mais util, nem que dê maior nome; como isto porém excede muito ás minhas forças, seguirei o exemplo dos Santos Padres, que naõ se achando com barbas para fazer Evangelhos, escreviaõ *homilias* sobre elles. Talvez algum chame a isto *impostura*, mas isso he o que eu desejo; porque o que quero he passar por hum homem de *importancia*; e pelo que me dizem, este he o caminho mais breve para o conseguir. Saiba pois V. m. que eu sou para a sua pessoa hum reverente criado, mas para o resto do mundo hum

Impostor verdadeiro.

Belém 12 Dezembro 1820.

P. S.

A minha *gota* impede-me ser eu o portador; mas espero que V. m. naõ se descuide, porque tenho appetite de ver já o meu nome a correr por esse *mundo*.

Sr. Redactor do Astro da Lusitania.

ANTES de eu lêr o seu Periodico, assentava que para ser hum verdadeiro *Patriota Constitucional*, amante como sou da minha querida Patria, e defensor da justa causa em que ella se acha taõ felizmente empenhada, eu devia pela minha parte manter a uniaõ dos Cidadãos com o Governo, por me parecer que ella nunca foi mais necessaria. Tambem julgava que o meu primeiro dever era respeitar esse Governo, e concorrer para que todos o respeitem; porque naõ póde haver confiança no que se despreza. Entendia mais que eu devia olhar áquelles que o compõem como homens, que estaõ servindo a Naçaõ, que foraõ escolhidos por ella, que a representaõ, que tem procurado o seu verdadeiro bem, e trabalhado taõ corajosamente para o conseguir. Assentava finalmente em que era possivel, e até facil interpôr com alguma segurança, juizo sobre aquillo, que o Governo faz, porque se vê a razaõ porque o faz, as relações que tem as medidas por elle adoptadas com o systema Geral da Administraçaõ, e o bem, ou o mal que daqui póde resultar aos differentes ramos della; julgar porém do que o Governo naõ faz, sem saber porque o naõ faz, parecia-me arriscado.

O que sobre tudo eu reputava objecto de grande consideraçaõ para se tratar já, eraõ as refórmas nas pessoas, e nas cousas. Que ellas devem fazer-se, he para mim hum artigo de fé; e creio que em Portugal naõ haverá homem taõ falto de juizo, que se persuada de que os bens públicos haõ de continuar a ser dados, possuidos, e administrados a titulo de meras contemplações, filhas da superstiçaõ, do orgulho, e da ignorancia — Que a Agricultura ha de continuar a ser opprimida com o pezo dos direitos, tributos, e regalias, que só servem de manter no ocio, e quasi sempre no crime aquelle que as disfruta, e gosa com offensa da razaõ, e dos direitos que o homem adquire na sociedade. — Que os Lugares da Magistratura, e os Officios da Justiça, e Fazenda, e geralmente todos os cargos, e occupações públicas haõ de ser por huma especie de Lei con-

suetudinaria entregues a homens, que os naõ sabem desempenhar, e que naõ ha de acabar por huma vez este desgraçado systema dos *afilhados*, e *protegidos*, os quaes até agora tem feito de algumas administrações públicas, ou hum covil de ladrões, ou huma cavalharice de bestas, e naõ poucas vezes ambas as cousas ao mesmo tempo.

Tudo isto, meu amigo, penso eu que naõ haverá alguem que o naõ espere, ou que naõ julgue preciso, e absolutamente indispensavel, tocar em todos os objectos, extinguindo humas cousas, e reformando outras mais ou menos, porque em todas ou ha abusos, ou huma impossibilidade absoluta de continuarem a existir, dado hum systema constitucional; e até seria delirio accreditar que huma Naçaõ entrasse em hum movimento politico de tal ordem para conservar instituições, que naõ existem em parte alguma do mundo que se governa pelo bom senso, e que por experiencia propria de Seculos de desgraças, a levaraõ ao ultimo apuro de soffrimento.

Todavia eu julgava que esta refórma naõ podia fazer-se em hum objecto só, e que era essencialmente preciso que o systema todo fosse ao fogo, á bigorna, e á lima. Parecia-me por isso que seria o maior dos erros entender já, e sem mais ver livros, como se costuma dizer, por exemplo, com dizimos, com direitos territoriaes, e outros artigos desta importancia, que fazem a unica sustentaçaõ de muitos milhares de homens em Portugal, e aos quaes será necessario proporcionar outros meios de viver: naõ fallando nas compensações, e contemplações que he preciso ter com os direitos adquiridos — Eis-aqui, dizia eu, huma obra digna, e só propria das Cortes. A Naçaõ he interessada com effeito nestes melhoramentos; deve fazellos, porque he impossivel deixar de os fazer; mas a Naçaõ he o composto de milhões de individuos; se o todo ganha, muitos em particular perdem; e posto que devaõ perder, a Justiça, e a Politica exige que tudo isso seja o resultado de huma acertada combinaçaõ do interesse geral com o interesse individual; porque aquelle naõ póde existir nunca sem este: bem do todo, dizia o Cura da minha terra, he a somma do bem de cada hum.

Taes eraõ as minhas idéas com que fui criado, e a

que me afferrei sempre: muito mais porque ouvia aos outros o mesmo, com pouca differença; idéas que eu suppunha proprias, e até praticaveis em estado de revoluçaõ: e como V. m. naõ gosava ainda entaõ de nome algum entre os Sábios da Naçaõ, nunca me lembrei de o ir consultar, e por isso continuava no mesmo *fanatismo politico.* Hoje porém já sou outro homem.

V. m. appareceo de repente em Lisboa a escrever, e depois de certo dia, em que disse maravilhas, ninguem mais pôde resistir-lhe. De mim o digo — Estou convertido! O seu Periodico, meu amigo, abrio-me os olhos, e fez-me convencer de que neste jogo de Governo V. m. he o unico, que tem dado no vinte. Com effeito V. m. vai sempre dizendo o que entende, dê aonde dér; com tanto que lhe pareça a favor do público, pouco lhe importa o mais. Como bom Redactor, e com grandes conhecimentos de Economia Politica, diz V. m. o que se deve fazer para bem da Naçaõ, e deixa com muita razaõ ao Governo a execuçaõ, que na verdade he bagatella, porque todo o trabalho está na invençaõ do alvitre, e o merecimento na publicaçaõ delle. Em naõ se perdendo tempo tudo o mais apparece feito taõ bem, e taõ depressa como botaõ de chumbo em folha de cobre.

Quanto leio de V. m. tem-me encantado: mas o que sobre tudo me maravilhou, foi áquelle artigo que V. m. escreveo no seu N.° 13 debaixo do titulo *Tempo perdido.* Só esta epigraphe val hum Periodico!! Diz V. m., e com muita razaõ, que nada fizemos ainda senaõ gritar *viva El-Rei*, &c., e eu digo o mesmo, porque se nós temos dado naquella cousa dos *Cathecismos*, de que V. m. se lembra ahi tinhamos conhecida logo theoricamente em todo o Reino, a natureza do Systema Constitucional; e o povo ficava immediatamente a morrer por estas cousas: e sem *Cathecismos* bem se vê que elle naõ tem enthusiasmo nenhum pela causa da Patria.

Como nós nunca podémos ser *Portuguezes* sómente, porque houve tempo em que tudo era *Inglez*; e áquelle em que tudo era *Francez*, succedeo agora outro em que tudo he *Hespanhol*, (que já vai tendo seus laivos de *Napolitano*) diz V. m. huma verdade tamanha como humas casas,

quando affirma que temos perdido hum tempo precioso em naõ se fazer o que lá se fazia: quero dizer na Hespanha.

Por exemplo: os Parochos lá explicavaõ huma Constituiçaõ feita, e jurada por El-Rei, os nossos cá devem explicar huma Constituiçaõ que ainda naõ se fez, e que o Soberano ainda naõ jurou (1); mas isso he o mesmo; ou feita, ou por fazer tudo he Constituiçaõ: em todas ha as mesmas idéas, e principios geraes; a *mesma base*: todas saõ

---

(1) *Chegaõ do Rio noticias de que El-Rei approvára a convocaçaõ das Cortes chamadas pela* medida velha. *Diz-se mais que Elle manda ir ao Brazil o resultado destas Cortes para o* approvar se lhe parecer; *e que vendo entaõ a altura, que isto vai tomando, virá Elle, ou cousa sua para estar entre nós. Perdoa aos do Porto; reprehende os ex-Governadores, e faz outras Mercês pelas quaes os agraciados tem direito á honra de beijar-lhe a Maõ. — He certo que Elle respondeo agora pelo mesmo caso, por que de cá se lhe fez a pergunta em* 10 *de Setembro, e por tanto quando lá chegarem as outras perguntas, que se lhe fizeraõ depois do primeiro de Outubro, he muito de presumir lhe mereçaõ que Elle responda de outro modo, e naõ lhe pareça mal o que temos feito, antes o approve: já se sabe,* aquillo que sómente d'Elle depender, porque o mais naõ precisa. *Se naõ quizer . . . . . Eu sei! . . . . Sempre me pareceo mais difficil contentar a quem quer, do que a quem naõ quer — Hoje he inutil perfeitamente andar com estes rodeios, e historias da carochinha, com que nos costumavaõ adormecer nossas Avós — Tenho ouvido em toda a parte, que nós havemos de ter huma Constituiçaõ, e hum Monarcha Constitucional, porque o queremos ter, porque he necessario, e indispensavel em nossa situaçaõ politica, e porque ninguem tem direito, nem authoridade para o impedir. O que me parece sem dúvida he que toda a Naçaõ está deliberada a acabar antes, e a sepultar-se debaixo das suas ruinas, do que deixar incompleta esta grande obra, que tem começado. A Constituiçaõ naõ existe certamente ainda nem de Direito, nem de facto, mas existe já traçada, e concebida nos corações, e nas esperanças de todos os bons Portuguezes, e os seus legitimos Representantes vaõ levantar sem demora este monumento eterno, e para sempre glorioso da sua bem merecida felicidade. Portuguezes! á lerta? . . . . Tremaõ os máos . . . . !*

Nota do Compadre de Lisboa.

a mesma cousa; porque todas saõ semelhantes — Dois óvos tem os mesmos principios, a *mesma base*, e parecem-se perfeitamente hum com outro; bem que hum sahisse já da para que o pôz, e outro esteja ainda dentro da para, e talvez do pato.

Lá, quero dizer, na Hespanha, a Naçaõ sabía já o o Governo que tinha; cá sabe só o que deseja, mas de possuir a desejar naõ ha differença nenhuma; e por tanto devemos cá fazer outro tanto, porque, caso negado sobrevenhaõ embaraços, as idéas liberaes tudo aplainaõ — Em havendo *Cathecismos*, meu Amigo, fica tudo corrente. *Cathecismos*, e mais *Cathecismos*, e deixe gritar os descontentes.

A idéa das Associações, ou Juntas Patrioticas he divina. Se nos dérmos mal com ellas, faremos o mesmo que os Hespanhoes fizeraõ: prohibem-se, e com isso se acaba tudo. Mas se de certo cá naõ ha de succeder o mesmo, porque os espiritos estaõ em perfeito socego; todos tem idéas do bem; todos o querem, e todos o praticaõ; lá naõ era assim. Como se achavaõ marcados os destinos politicos da Naçaõ, era perigoso consentir em ajuntamentos, que o misterio póde desviar do caminho da razaõ, sendo por isso impossivel que nas trévas se buscasse minar o edificio social; cá naõ devemos recear o mesmo damno — Naõ ha destino nenhum marcado ainda, naõ ha por tanto receio de que elle seja alterado: quando o houvesse os *Cathecismos* aplainavaõ tudo; eu lho protesto.

A lembrança que V. m. suggere dos Dramas *fartos de idéas liberaes* para se representarem nos nossos Theatros; he com effeito a melhor cousa, que podia adoptar-se agora; e o Governo tem feito hum mal infinito em naõ abraçar já este seu conselho. Incertos do que Deos tem determinado sobre nossa futura situaçaõ politica, ignorando perfeitamente o que seremos, mas dizendo-se, e desejando-se que vivamos sujeitos a hum Monarcha, e que a sua Pessoa será agora ainda mais sagrada, se he possivel, para o respeito de seus Vassallos, nada he taõ capaz de radicar no povo estas idéas, do que a representaçaõ de factos historicos, em que se levaõ ás nuvens os heróes, que assassinaõ Reis, ou que os detestaõ, e que pintaõ, e defendem como melhor dos Governos o Governo *Republicano*. Isto Senhor

Redactor do *Astro da Lusitania* he que se chama saber conduzir a opiniaõ pública para o bem, e para a felicidade geral. Que magnificas idéas de Soberania, e de *Constituiçaõ Monarchica*! *Cathecismos* para os homens do campo, e *Dramas Liberaes* para os das Cidades, e verá aonde isto vai dar comsigo.

Sou perfeitamente da sua opiniaõ sobre o *tempo perdido*. — Estes Governadores, meu Amigo, naõ tem feito nada — Os póvos naõ sabem com effeito pela pratica o bem que lhes resulta da nova ordem de cousas, e o seu argugumento dos habitantes *de Alcobaça*, *e de Thomar*, dos campos de *Coimbra*, e outros, naõ tem resposta. A que proposito em verdade, devem estes desgraçados estar pagando ainda direitos dominicaes das terras que lavraõ? Que nos importa que taes direitos fossem adquiridos por titulos capazes de transferir dominio, e propriedade, e o direito da propriedade seja a base do edificio social? Essa base era do edificio velho, e nós queremos hum edificio novo inteiramente — Liberdade e mais liberdade em fallar, em escrever, e em obrar: esta he a verdadeira base dada pela natureza, e nós voltámos ao estado da natureza: ao menos eu nesse estado vejo muita gente — Semear hum, e outro colher he abuso, e hum quanto mais velho he, mais necessidade ha de o emendar — Lavre cada hum terras á sua vontade, apanhe os fructos que tiver, e os Senhorios que vaõ á tabua — Como querem elles ter parte no suor alheio? Senhorio em paiz Constitucional? He forte asneira!!! Isso he *Direito Feudal*, como V. m. lhe chama, apezar de que em Portugal nunca houve *Direito Feudal*; mas isso naõ importa. V. m. diz que he *Direito Feudal*, e eu tambem por tal o baptizo, o esconjuro, e arrenego. E para que existe elle ainda? Bem diz V. m.: *tempo perdido*.

Quanto me regalei, meu Amigo, quando vi aquella sua lembrança dos *pescadores da Pederneira*! Ha maior deshumanidade do que terem estes desgraçados a obrigaçaõ de repartirem com os Rendeiros o peixe, que pescaõ? Já que arriscaõ a sua vida, pesquem só para si. O que paga o peixe he *dizimo* applicado á sustentaçaõ dos *Ministros do Altar*, e estes podem passar sem isso. Na Doutrina Christá nunca me ensináraõ que seja artigo de Fé comerem elles:

fica por tanto meramente disciplinar, que se póde alterar, quando nós quizermos. Além de que o *Concilio de Trento* permittio ordenarem-se Clerigos com patrimonio, e ahi está remediado tudo. Hum patrimonio he hum capital que dá 20$ réis de renda; e se hum homem póde passar com menos, como eu já ouvi, melhor poderá com tanto dinheiro; e mais agora que já usamos *Casacas Constitucionaes*, por aquella celebre mania de querermos favorecer as nossas fabricas, e guardar o nosso dinheiro.

Paga-se mais do peixe a Sisa chamada vulgarmente das *correntes*, e isto de Sisas he a maior tolice em que podiaõ dar os nossos antigos — Costumaõ os póvos applica-las para inteirar o cabeçaõ, que he d'El-Rei por contracto; mas V. m. bem sabe que El-Rei he muito rico, e naõ precisa destas ninharias. Os sobejos saõ para pagar partidos de Medicos, Cirurgiões, Boticarios, despezas de Engeitados, e ás vezes de pontes, fontes, calçadas, casas de Camara, de Cadeia, e outras; mas tudo isto he frioleira; saõ bagatellas de pouco momento; naõ valem a pena de se despender hum real nellas; e o Governo huma vez que naõ tem deitado abaixo até agora aquelles rendimentos, que lhe saõ applicados, naõ tem feito nada — Bem diz V. m.: *tempo perdido.*

Aquella Sentença com que V. m. acaba este seu artigo *o Tempo perdido*, he *golpe de mestre.* Ha cousa mais bem aproveitada! *Cesar*, e *Clovis* para provar o tempo perdido! O certo he que os seus discursos naõ podem deixar de ser conhecidos pela grande erudiçaõ, que nelles desenvolve: vejaõ aonde foi buscar taõ linda semelhança!! Hum dia hei de ir a sua casa dizer-lhe ao ouvido o juizo, que do seu Periodico se fórma nos paizes Estrangeiros; e naõ lho digo diante de tanta gente para que naõ me chamem lisongeiro.

Bem haja, meu rico amigo, por aquella *surra* que tem dado nos Bispos! Elles merecem-a; porque se naõ for pelo que V. m. diz, será por outra cousa. E mal sabe V. m. o bom effeito, que tem produzido no público aquelle titulo debaixo do qual os atacou no seu N.° 12 — *Silencio intempestivo*! Com effeito he linda cousa! Silencio antes, ou depois do tempo! Ora confesse-me V. m. a verdade, e diga-me se eu adivinhei. Ha poucos dias tive huma teima

com hum sugeito, o qual chamava a isto impostura, pertendendo que V. m. usava desta innocente malicia para desafiar a curiosidade, e appetite dos freguezes, como letreiro em garrafa de licor; por exemplo, *Azeite de Venus*, *Leite de Amor*, *Tortulhos de Buonaparte*, &c. &c.; mas eu dizia que naõ, por me persuadir que V. m., como homem bem arranjado, usa destas marcas para saber a qualidade de fazenda, que arruma debaixo dellas; porque he muita, e já lhe custa a achalla quando a busca. E o sahirem taõ sentenciosas as lembranças, he cousa de seu genio, que naõ póde escrever nada que naõ seja com infinita graça, e propriedade.

Mas fallemos dos Bispos — Eu tinha já reparado neste silencio delles, porém dava-lhes minha desculpa — Eis-aqui como eu fallava *com Deos, e comigo.* Estes Senhores saõ *meninos*, como costumaõ dizer, foraõ Lentes da Universidade, e já se vê que naõ estudáraõ para tôlos. No tempo dos Francezes souberaõ que entrava em Lisboa hum Exercito invasor, faminto, nû; hum Exercito capitaneado por Chefes sedentos de riquezas, que lançavaõ logo maõ da propriedade da Naçaõ, e até da de muitos particulares: viraõ occupados os primeiros Lugares da Administraçaõ Pública por homens addidos a esse Exercito, que entráraõ na fruiçaõ dos ordenados correspondentes, augmentando-os quanto elles podiaõ crescer. Viraõ a Casa de Bragança cahida do Throno, privados os Portuguezes do seu legitimo Soberano, e tratados como habitantes de paiz conquistado, sendo unica Lei a vontade de quem os dominava, e opprimia.

O povo soffrendo mal o pezo de jugo taõ enorme, queria sacodi-lo; mas naõ o podendo conseguir, tambem naõ podia suffocar a demonstraçaõ de seus desejos, e por isso aqui mostrava por factos a sua má vontade; acolá por ditos: era hum fuzilado, prezo o outro; este tirado do Lugar, aquelle mandado para França. — Em tal calamidade os Bispos foraõ o que deviaõ ser; isto he, verdadeiros Pastores — Animáraõ as suas ovelhas, falláraõ-lhes, persuadiraõ-as a estarem socegadas, e a soffrerem com paciencia: mostráraõ-lhes a necessidade da obediencia, e a legitimidade della — Se outra cousa fizessem faltavaõ ao seu ministerio, e até aos deveres da sua propria conservaçaõ.

No caso em que estamos, continuava eu *com Deos, e comigo*, a cousa muda de figura: entrou sim hum Exercito em Lisboa, mas Exercito Nacional, disciplinado, bem vestido, farto, bem pago, commandado por Cabos, a quem só conduzio o amor da sua Patria, e o bem della; e conservou-se a paz, fez-se respeitar a Lei, e a Ordem.

Hum novo Governo succedeo, he verdade, mas foi para manter, e sustentar no Throno o legitimo Soberano: e os Lugares foraõ occupados por quem naõ tira delles hum ceitil de interesse — Outro Governo deve succeder; a propriedade continuará a ser sagrada, e a Lei a regra unica das acções dos Portuguezes.

Os Bispos testemunhas destes factos, sabendo que a vontade da maioria da Naçaõ he a favor da mudança; que o povo está contente, socegado, e esperando com alegria o venturoso futuro, que se lhe apresenta; vendo em fim respeitada a Religiaõ, e os seus Ministros, que necessidade tem, dizia eu, de fazer o que fizeraõ no tempo dos Francezes? Seria huma inconsequencia se o fizessem.

He verdade que V. m. discorre melhor do que eu; porque quer nos Bispos enthusiasmo, e que a Religiaõ ajude a Policia: entretanto lá me parece que he querer muito — V. m. vivia sabe Deos aonde, e como, porque eu decerto o naõ sei: ninguem fallava no seu nome, e, quando figurasse muito, figurava por lá, hoje figura por cá: he senhor Redactor, ganha em hum mez o que provavelmente naõ ganhava antes em meia duzia delles; adquirio o direito de fallar de quem quer, de metter a faquinha naquelles cáes, que lha pregáraõ lá na sua terra, escreve em Politica, e vai-se preparando para ser hum homem lá por ahi além. Eis-aqui o que V. m. tem tirado da nova ordem de cousas, naõ fallando nos seus elevados projectos, de que só V. m. póde informar-nos, bem que naõ devaõ ser treviaes; porque V. m. como parente de *Phaetonte* (porque usa das armas da familia) naõ ha de desejar cousas pequenas.

Os Bispos tendo as rendas da Mitra, como borracha ao pé do fogo, ouvindo as lamentações dos Conegos, e Beneficiados, vendo as caras dos Geraes, e Provinciaes das Monasticas, e Regulares; sabendo destas faustissimas, e

lisongeiras *Profecias*, que V. m. faz a todos elles no seu Jornal, e muito agradados do respeito com que V. m. os trata, poderáõ acaso ter a mesma vontade de elogiar, e de prégar a favor da nossa revoluçaõ? Mas V. m. sabe o que diz, e eu naõ — V. m. quer que os homens mudem a natureza, e que falhe, pela primeira vez, o Evangelho Portuguez — de dizer cada hum da Festa como lhe vai nella — V. m. he hum consumado Politico, e eu sou hum pateta, e naõ deixarei já de o ser.

Naõ posso deixar de admirar aquelle sangue frio com que V. m. no seu N.º 16. conta que se portou em hum Café na occasiaõ em que ouvia censurar o seu Periodico — Poucas pessoas teriaõ o mesmo bôjo de se calar, e guardariaõ, como V. m. guardou, o seu despique para o papel, e tinta; mas V. m. he hum homem Literato, e he demais hum Escriptor, e estes a naõ pegarem na penna ficaõ sempre mal: exceptuando o nosso Camões, e outros, que tambem puxavaõ pela espada, mas esses hoje saõ heroes da Fabula.

A differença que V. m. faz do *Direito* á *Moral* para convencer o Governo de que elle deve fazer alguma cousa, e naõ estar, como até agora, com as mãos debaixo do braço vendo pernear o doente, he a cousa mais engenhosa, que póde haver. E aquellas *alegorias*, ou como lhe chamaõ, de Procuradores, e de Committentes, ou Constituintes he argumento de metter os tampos dentro; porque lhe digo em verdade que ainda que queiraõ, naõ lhe respondem.

Mas naõ ha remedio senaõ desviar-me agora hum pouco das suas opiniões. Se V. m. fosse Advogado naõ cahiria em confessar cousa que póde interessar ao adversario do seu cliente. Atacar o Governo por naõ fazer nada, e referir algumas cousas que elle faz! Meu amigo, todos nós cahimos, por mais espertos que sejamos! E para que naõ torne a acontecer-lhe outra, ou ao menos para que saiba como ha de haver-se, quando a cousa for taõ publica que a naõ possa negar, aqui lhe direi o que entendo, na materia — A grande regra he fazer sempre fogo ainda que seja em retirada — Como V. m. naõ he Militar, vou explicar-lhe o Regulamento.

Falla V. m. por exemplo da *Intendencia Geral da Policia.* — Ainda que ella hoje naõ seja senaõ vigia contra os máos, e a protectora do Cidadaõ pacifico e honrado, que já póde passear e dormir socegado na certeza de que sem crime naõ sera prezo, e menos em segredo; V. m. ou negue os factos, ou no lugar disso diga, mudou-se hum homem, e tudo o mais ficou. Os mesmos belleguins, os mesmos estabelecimentos, o mesmo tudo; até as mesmas lamas, os mesmos candieiros, e a mesma Casa Pia; por tanto farelorio, petas.

Outro tanto responderá V. m. ao estabelecimento da Commissaõ do Terreiro, da Commissaõ do Correio, da Junta da Saude, das Obras Militares, da Liquidaçaõ da Divida Pública, da Commissaõ Militar, e da do Erario. Tudo isto he de pouca ou nenhuma importancia, porque saõ cousas que ou haõ de fazer mal, ou de que naõ podem resultar bens; porém se os houver seraõ taõ demorados, que naõ valem a pena de se considerarem ou estimarem, e menos de se esperar por elles. Saõ *çapatos de defunto*, meu Amigo, ou pelo menos *oliveira de caroço*, que só dá azeite no fim da primeira geraçaõ. Tambem sou da opiniaõ daquelles que querem que as medidas do Governo sejaõ como as *purgas*, e os *vomitorios*, que para serem bons, devem obrar logo; de outro modo o doente está em perigo.

He verdade que no principio deste Governo havia no Erario pouco mais de cincoenta mil cruzados; e muitos Soldados (e talvez alguns Officiaes!) pediaõ esmola, porque o Estado devia a grande parte do Exercito sete mezes; tudo isso se pagou, tem-se continuado a pagar, e até a dar-se-lhe paõ, carne, e vinho sem se fazerem embargos ou vexações: tem-se continuado as outras despezas públicas, pelo menos, tambem como dantes; e no Erario havia no fim de Novembro, isto he, dois mezes depois, muito mais de hum milhaõ de cruzados, sem se ter pedido hum só real de emprestimo a toda a Naçaõ. — Mas apezar de tudo isto ser publico, e visto por todos, diga V. m. ou que tal naõ ha, ou que o Governo naõ tem nisso merecimento nenhum, porque tudo he filho do acaso; e que finalmente aquelle *Dinheiraõ*, vindo do Rio de Janeiro, foi o que encheo o Erario, e que deo para todas essas cousas.

He verdade tambem que em todos os ramos de Administraçaõ Pública tem entrado o espirito de actividade, que resulta da nova ordem das cousas, apezar da maquina trabalhar ainda com rodas velhas: as partes saõ ouvidas sempre que o querem ser: os requerimentos despachados logo: nos informes, e nas consultas conta-se agora por dias a demora, que antes se contava por mezes: cada hum requer, como lhe parece, sem medo, ou receio de se queixar. A Naçaõ já principiou a eleger seus Representantes, gozando hum bem que nunca possuio: vai-se reanimando em fim este corpo moribundo, e proximo a dar o ultimo arranco: mas a cura vai de vagar, como he necessario ir, para poder com mais segurança escapar, e naõ cahir no perigo opposto; e tudo isto vai-se fazendo em pouco mais de dois mezes. — A isso com tudo responda V. m., que naõ vê nenhuma dessas cousas; que ainda ouve queixar de Tribunaes, Ministros, e Escrivães; e que finalmente tudo isso naõ vale nada; e quando valesse alguma cousa, naõ he huma refórma como se precisa, e dois mezes e meio era tempo mais que bastante para reformar até o Imperio da Alemanha com o Corpo Germanico e suas adherencias, quanto mais hum Reino taõ pequeno como Portugal. Se os Governadores naõ perdessem o tempo como os nossos tem perdido, estando sempre com as mãos debaixo do braço, tudo estava já feito.

Ora aqui tem V. m. o que se chama fazer fogo em retirada. Voltemos atraz.

V. m. continua, em o seu numero 16, a repizar o caso dos moradores de *Thomar*, e de *Coimbra*: dos pescadores da *Pederneira*; das *Associações Patrioticas*, e dos *Dramas Liberaes*. Nisto faz V. m. muito bem, porque á força de repetir a mesma cousa elles haõ de aprender. — Hum *Frade* era chamado para prégar todos os annos em huma Festa de Regateiras, e prégava sempre o mesmo Sermaõ. A quem lhe notou isso, respondeo elle = em quanto ellas o naõ souberem de cór naõ lhes prégo outro. = Naõ digo que V. m. he como o Frade, nem eu me attreveria a compara-lo em tudo com huma cousa a que V. m. mostra taõ *decidida aversaõ*; porém aquella sua comparaçaõ de *Cesar*, e de *Clovis* faz-me tambem *Comparador*, e ha de

perdoar-me se alguma vez me escapar sem advertir no que faço.

Lembra-se V. m. dos desgraçados *Saloios*, que vem á Cidade vender generos, e pagaõ imposto na entrada. Esta mesma embirradela tive eu ha poucos dias; e quero-lhe contar, como isso foi. — Dizia eu em hum café (porque de vez em quando tambem visito estes *Lausperennes* da ociosidade) ha maior insolencia do que mandar-me qualquer amigo hum presente de vinho, de fructa, ou de carne, e ser obrigado a pagar direitos? Isto naõ se póde soffrer! Para que fizemos nós huma revoluçaõ; naõ foi para sermos livres de todos os males? E qual será maior do que este?

Meu Senhor, respondeo-me certo devoto que estava tomando hum ponxe de agoa-ardente de França, (agoa-ardente de França a vender-se publicamente em Lisboa!!!) V. m., continuou elle, provavelmente ignora o que ha sobre esses direitos de entrada, e naõ sabe, que, levantados elles, o proveito he de certas classes, e naõ de todas as classes. He proveito dos Frades, cada hum dos quaes tem meia pipa de vinho, livre de direitos, para beber. He proveito dos Ministros, dos Letrados, e dos Procuradores, que recebem por mimo dos miseraveis demandistas das Provincias as canastras de fructa, de presuntos, de paios, e os barris de vinho, tambem livres de direitos — He proveito dos Bispos, do Alto Clero, dos Fidalgos, e dos grandes Negociantes, que para regalo mandavaõ vir continuamente estas encommendas, nas quaes, já se sabe, entrava disfarçado o extravio; porque á sombra do amo mettia o criado, para o visinho taberneiro, ou dono da casa de pasto; o que era para vender; e finalmente era proveito dos abastados proprietarios, ou donos de quintas nas visinhanças da Cidade, que mandavaõ vir os fructos dellas; sendo mui pouco, ou quasi nenhum o proveito que tirava a classe media; que he a mais consideravel, e a mais digna de attençaõ nestes objectos; e por esse insignificantissimo bem o Erario perdia mais de cem mil cruzados annualmente; e V. m. bem sabe que sem dinheiro a Nâo do Estado encalha no secco, e muito mais facilmente ainda quando as agoas saõ envoltas, e a maré de vendaval.

Eis aqui, meu Amigo, o que me respondeo o tal *pon-*

thista, que se ausentou para naõ ouvir a resposta; aliás naõ ficava sem ella; porque eu tambem sou como V. m., a tudo tenho que responder, e já se sabe, sempre contra.

V. m. nota muito bem a falta de liberdade de se queimarem os vinhos, porque neste anno a colheita delles foi excessiva. — He verdade que nenhuma lei em Portugal prohibe, antes expressamente permitte ao Lavrador o queimar o vinho de sua lavoura, e por tanto se o naõ fizerem este anno será por naõ quererem, e naõ porque naõ tenhaõ essa liberdade. Tambem he verdade, que só nas tres Provincias do Norte a Companhia do Douro tem o privilegio das agoas-ardentes, e que nellas mesmas há Fabricas, aonde cada hum póde vender o vinho, que tiver da sua lavra, ou do seu commercio, naõ sendo de esperar que em taes sitios apparecessem agora, por maiores que fossem as franquezas concedidas pelo Governo, Negociantes nem mais abonados, nem mais promptos para pagar este genero.

Apezar disso eu tambem sou da sua opiniaõ: a Companhia he *huma Hydra*; e deve deitar-se abaixo já: pelo menos deve-se-lhe tirar este privilegio das Agoas-ardentes, porque assim, quitados os 400 réis da licença do Phisico mór do Reino (a V. m. nada escapa!) fica tudo huma maravilha. Entraõ logo a apparecer de repente, e como por encanto, fabricas nas tres Provincias: entraõ a apparecer ainda mais encantados Negociantes, com grandes fundos, para fazer grandes estabelecimentos, que possaõ competir com os da Companhia, e fazer-lhe sombra, comprando os vinhos, e soffrendo os empates que tem as agoas-ardentes; e finalmente os Lavradores tendo compradores, que lhes dizem *mais a mim*, *mais a mim*, vendem com a maõ na ilharga, e lucraõ cento por cento. Veja V. m. que desmazello em naõ se ter dado ao Lavrador a liberdade, que ninguem lhe tira! Bem diz V. m. *tempo perdido*. Com duas pennadas se fazia a fortuna de Portugal, e entretanto nada: tudo he apathia, ignorancia de principios economicos, em fim *miserias*, *miserias*, como V. m. costuma tratar (e com muita razaõ) as Governanças do nosso Paiz.

Quanto ao azeite parece-me tambem hum desmazello terrivel o naõ dar já providencias sobre elle. He verdade que elle apanha-se ainda, e vai-se fazendo, a colheita tem

de durar; e nas Provincias septemtrionaes do Reino ha de começar ainda, e por tanto mal se póde saber já o que se ha de fazer sobre hum objecto, de que naõ ha por ora resultado certo; com tudo estou pelo seu voto: *tempo perdido.*

Naõ acho porém (e V. m. perdoará) aquella comparaçaõ da Junta dos cem Medicos taõ boa como a de *Cesar*, e *Clovis*, de que V. m. usou. Cem Medicos! Santo Deos! Que doente podia vêr-se livre de cem Medicos, quando custa escapar das unhas de hum?

Mas, a fallar a verdade parece-me que nisto naõ tem V. m. tanta razaõ como pertende inculcar. Molestias chronicas, meu Amigo, só mataõ quando se pertendem curar com as pressas com que V. m. quer fazer tudo. He isto o que tenho ouvido aos bons Praticos. V. m. talvez em Medicina seja mais forte nas theorias; e por isso peço licença para me desviar agora do seu voto.

A homilia vai-se estendendo muito, e devo acabar. Espero que V. m. continue com o mesmo enthusiasmo, porque a causa da Naçaõ por certo ha de prosperar — O tom que V. m. tomou he o que lhe compete, e o mais proveitoso. Falle sempre decisivamente em ar de *Concilio Ecumenico*; nada de se aviltar á baixeza de provar o que disser; dê os factos por certos, e deixe-os xiar: toque com preferencia as teclas mais desaffinadas para ser o som mais desagradavel: naõ louve cousa alguma, que se faça; naõ ache boa nenhuma medida, nem dos Empregados, nem do governo: ataque este, pelo que faz, e pelo que naõ faz: ralhe de tudo, e naõ se esqueça de suscitar os animos de humas classes contra outras, fallando do Clero, e da Nobreza como de gente, que naõ goza nem de consideraçaõ, nem de direito algum social, e que perdeo até o de se defender, e para isso o de ser ouvida. Fazendo isto taõ lindamente como o tem feito até agora, eu lhe seguro, meu amigo, que faz hum serviço aos seus compatriotas; porque mantem entre elles a uniaõ de que tanto precisaõ para acabar a mais gloriosa das emprezas.

Advirto porém que no fim de ter escrito tudo isto, e com aquelle desenxovalho, clareza, e energia que he propria de hum homem de seus grandes conhecimentos, e reputaçaõ literaria, e taõ perfeitamente seguro, como V. m.

está, de sua conducta civil, moral, e religiosa, grite sempre que naõ ha liberdade de Imprensa em Portugal: que viver aqui he peior que viver em Marrocos, que a maldita Censura naõ deixa passar nada, e que, n'huma palavra, he preciso morrer embuxado.

Falta-me ainda dizer-lhe duas cousinhas. Como este Governo protestou nada alterar, segundo V. m. muito bem notou, e como pelo que vou vendo, ainda que elle quizesse, naõ podia fazer mais do que faz, porque me dizem que se tem visto atrapalhado para conduzir as cousas até aqui, pelo maldito systema da moderaçaõ, que adoptou para desgraça nossa, querendo que se observem as Leis existentes, ou, quando se façaõ outras, sejaõ com a mesma regularidade, sem advertir que em todas as revoluções ha sempre Leis revolucionarias, proprias só deste estado de cousas, e até agora naõ vimos nenhuma dellas, com pasmo, e sentimento dos amantes da Patria; parece-me que com effeito, a ser preciso fazer antes das Cortes tantas cousas ao mesmo tempo, como V. m. diz, o tal Governo naõ he capaz disso, e provavelmente naõ o será qualquer outro, porque a obra que V. m. encommenda he muita com effeito; e por tanto lembra-me que, se nós podessemos arranjar hum *Governo de Vapor* graduado com o calor que quizessemos (porque alguns escaldaõ com a quentura demasiada) tinhamos conseguido hum grande bem para a nossa Patria; e bem que só traria de mal, naõ ser preciso já o seu Periodico, porque naõ haveria entaõ já motivo para atacar os que governaõ. Entre tanto sempre V. m. havia ser necessario para aconselhar o que convinha fazer-se, segundo os principios da mais solida Politica, em que estou desenganado, de V. m. ser hum mestre consumado, e tinha V. m. o gosto de ver tudo feito apenas o concebesse: porque o *vapor* tem isso; augmenta as forças pasmosamente — Ora pense V. m. nesta invençaõ, que me parece naõ deixará de agradar-lhe, apezar de naõ ser cousa sua. Continue V. m. a fazer Evangelhos; e eu continuarei a fazer homilias; e no entanto sou

De V. m.
muito admirador

O Impostor verdadeiro.

P. S.

Agora leio a sua historia do Livro velho; que vem no seu N.º 18; e achei infinita graça naquella cousa do Portugal acordar gritando *refórma, refórma*! Lembrei-me de Luthero, que dizem sonhava, dando os mesmos gritos. Em paga quero contar-lhe tambem huma Historia, que li n'hum Livro novo — Certo rapaz travêsso, posto á janella, dava com huma bexiga cheia de vento na cabeça de quem passava pela rua — Outros rapazes visinhos que viraõ isto, déraõ-lhe gargalhada, e mandáraõ-lhe bôlos doces para elle repetir. O rapaz gostou, e por isso foi batendo mais de rijo, porque assentava que assim teria mais bôlos; mas passou acaso o Ministro do Bairro, que levando na nuca, voltou e vio hum rapagaõ já taludo a rir-se, e muito desvanecido, e orgulhoso pelo mal que fazia: pareceo-lhe por isso, que era insensato; mandou-o para a casa dos orates, e lá passou muitos annos a fazer bolas de agoa de sabaõ.